

**MANOEL DE BARROS E ROBERVAL PEREYR:
DAS REFLEXÕES ESCULTURAIAS
NO MOVEDIÇO DA LÍNGUA OU DO CIO VEGETAL
NA VOZ DO ARTISTA**

José Rosa dos Santos Júnior (UNEB)
juliteratta@gmail.com

O trabalho que se segue analisa as poéticas de Manoel de Barros e de Roberval Pereyr pelo viés da metalinguagem. Um dos traços marcantes dos *corpora* em questão é justamente a autorreflexão criativa – cada um a sua maneira – que se converte, em última instância, em um pensar sobre a poesia dentro da própria poesia. Veremos que, antes de tomarmos os dois construtos poéticos pela via da semelhança, nos debruçaremos sobre a dissimilaridade básica no modo de tomar a linguagem como objeto poético: a urbanidade, em Pereyr, e a ruralidade, em Manoel de Barros. As personagens, o clima afetivo, as reflexões estarão muito implicadas em tais espaços: enquanto o poema de Pereyr estará nos becos, nas ruas tomando cervejas e pulando carnavais, o de Manoel de Barros brincará, quase sempre, metamorfoseado em pedras, vegetais, bichos, rãs e larvas. Dessa forma, os escritos que se apresentam logram apresentar o modo como Manoel de Barros e Roberval Pereyr tomam a metalinguagem, enquanto recurso criativo, e desestabiliza o conceito racional de reflexão acerca da linguagem, tornando-a esburacada, obscura, anormal e dissonante.